

RUBEM BRAGA

# Bôa vizinhança

Entre as cartas que tenho recebido ultimamente ha uma que levanta uma duvida. Quem a escreve parece ser um pan-americanista que preza muito a amizade do Brasil com os Estados Unidos e acha que, nesta hora de afflicções mundiaes, devemos nos unir estreitamente ao grande paiz do Norte, como a todos os outros da America. O missivista apoia algumas coisas que tenho escripto sobre nacionalização e sobre certos aspectos ferozes da politica européa. E insinua que estou, de certo modo, cahindo em contradição quando, nesse caso dos contractos da Companhia Brasileira de Força Electrica, recordo a cada momento que essa empresa que tanto explora a nossa gente é uma empresa norte-americana. Pergunta, emfim si campanhas assim contra empresas norte-americanas não levam aguas para os moinhos autoritarios.

A duvida é explicavel, embora inconsistente. Acho que vale a pena desmanchal-a. Em primeiro lugar devo dizer que em materia de politica internacional eu sou apenas um obscuro mas sincero defensor da causa do... Brasil.

Antes de qualquer outro paiz bonito ou feio, penso que os brasileiros devem ser muito simplesmente partidarios de seu proprio paiz. O que pôde parecer um lugar commum, communissimo; mas não é.

Muita gente se deixa empolgar de tal modo pelo noticiario telegraphico do exterior que acaba perdendo completamente o sentimento do Brasil. Cavalheiros assim conhecem perfeitamente quaes as falhas do exercito da Rumania e os principaes problemas da economia da Indochina; entretanto, si lhes perguntarem qualquer coisa sobre a economia ou as forças armadas do Brasil ficarão tão espantados como si lhes perguntassem pela composição gazona da atmosfera do planeta Saturno.

Ora, eu penso, como o missivista, que a inclinação natural da politica exterior de nosso paiz — politica de um paiz cuja unica ambição é ser respeitado — é ficar ao lado de seus irmãos da America. Esse caminho, apontado e seguido pelos srs. Getulio Vargas e Oswaldo Aranha, é, evidentemente o mais certo, e por tantas e tantas razões que seria inutil enumerar.

Mas quando eu falo em Estados Unidos não estou falando

nem da Bond & Share nem de Companhias de petroleo. Estou falando simplesmente do governo e do povo norte-americanos. E não é a mesma coisa. Um exemplo typico é o caso do Mexico. Para construir sua economia nacional em bases firmes o Mexico desapropriou ha tempos as jazidas de petroleo. Levantou-se nos Estados Unidos uma enorme grita, dirigida pela empresa interessada. O Mexico foi apontado como inimigo dos Estados Unidos, trahidor da "politica de boa vizinhança", etc. Pois essa grita já está completamente desmoralizada na opinião norte-americana. Não faltou quem reconhecesse, inclusive nas altas esferas do governo, que o Mexico estava com toda a razão defendendo sua economia. Seu gesto não foi contra o governo de Roosevelt, não foi contra o povo norte-americano. Foi simplesmente contra um "trust". E não ha nos Estados Unidos maior inimigo dos "trusts" que exploram o seu povo e os povos da America Latina que o proprio Roosevelt.

Defendendo o nosso povo contra a espoliação da Bond & Share não estamos contra os Estados Unidos. Estamos simplesmente contra um grupo imperialista norte-americano. A "politica de boa vizinhança" não pôde ser, e não é, uma politica de escravização. Luctando pelo petroleo nacional contra os manejos já bem desmascarados de certas companhias estrangeiras, os technicos brasileiros não estão contra os Estados Unidos; estão simplesmente contra as companhias. Por outro lado não se trata em absoluto, de combater o capital estrangeiro. Trata-se de cohibir seus abusos.

Não devemos admittir o capital estrangeiro só pelo facto delle ser capital, nem repell-o só pelo facto delle ser estrangeiro. Ha um meio termo prudente que consulta o interesse nacional.

Bons vizinhos hão de ser bons amigos. Os contractos de serviços publicos em Porto Alegre não são contractos de amizade, nem de amor. São instrumentos de espoliação do povo que prejudicam o desenvolvimento de nossa industria. E não ha politica internacional nenhuma que preste si, em primeiro lugar, ella não visa defender nossa gente, nossa grande e pobre gente.